

# ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida

Larissa Pascutti de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é fazer uma breve análise das ideias do sociólogo contemporâneo Zigmunt Bauman sobre as mudanças ocorridas na sociedade após o advento da modernidade até atingir a condição atual, à luz das Ciências Sociais e suas perspectivas. A partir da abordagem fenomenológico-hermêutica, procurou-se caracterizar as circunstâncias da passagem da modernidade sólida para a líquida e suas implicações na economia e cultura do século XXI.

**Palavras-chave:** Modernidade líquida. Capitalismo. Razão Instrumental. Consumismo.

## ZYGMUNT BAUMAN: the contemporary society and the sociology at the liquid modernity

**Abstract:** The main purpose of this article is to make a brief analysis of the ideas of the contemporary sociologist Zygmunt Bauman about the changes occurred in the society after the advent of modernity up to the current condition by the eyes of Social Sciences and its perspectives. From the phenomenological-hermeneutic approach, it looked to characterize the circumstances of the transition of the solid modernity do the liquid modernity and its implications on XXI century's economy and culture.

**Keywords:** Liquid modernity. Capitalism. Instrumental rationality. Consumerism.

## Introdução

Pensar e analisar a trajetória histórica da sociedade não é uma tarefa simples, exige um trabalho minucioso na coleta de dados e infor-

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (Faculdade de Ciências e Letras - FCL - Campus de Araraquara). Trabalho apresentado para conclusão da disciplina de Sociologia do Conhecimento, ministrada pelo Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin. Email: lalipascutti@hotmail.com.

mações e na forma de encaixá-los no corpo da análise. Entretanto, esse trabalho pode ser feito sem grandes problemas e crises, pois se debruça sobre uma época já passada, que, apesar das influências no presente, não é mais vivida. Já o trabalho de pensar, analisar e ordenar os fatos do presente, comparando ao passado e apenas podendo supor o futuro, parece (e mostra-se de fato) uma tarefa mais complexa, confusa e cheia de paradoxos e pressões. A sociologia, de diferentes formas, faz essa tarefa, e revela cada vez mais novos fatos e paradoxos, fazendo a cada dia o convite à realização conjunta desse trabalho.

Zygmunt Bauman (1925) dedica-se a esse trabalho de fazer sociologia, analisando a sociedade contemporânea na pós-modernidade, a qual denomina “modernidade líquida”, referente a uma época em que as relações que compõem a sociedade e o mundo se encontram em um estado similar ao estado liquefeito da matéria, flexíveis e voláteis, podendo dispensar na maioria das vezes a “liga” necessária para manter as partes do sólido unidas. Em comparação e discordância às outras denominações, referentes ao mesmo momento histórico presente como “pós-modernidade”, “hipermodernidade” (Gilles Lipovetsky), “segunda modernidade” ou “modernidade reflexiva” (Ulrich Beck), “alta-modernidade” (Anthony Giddens), e outros, escolhe o termo “modernidade líquida” a fim de dizer mais do que a condição da modernidade deixou de ser, mas principalmente para ilustrar e ressaltar a qualidade que adquiriu, que a fez diferente. Essa nova condição traz consigo a exigência de toda uma nova forma de fazer sociologia, de analisar e estudar os fenômenos sociais e culturais.

Tendo em vista a situação de uma nova condição em que as ideias e concepções anteriores (e não necessariamente antigas, em grande parte até relativamente recentes) já não se encaixam e, a cada dia, novas situações surgem, reforçando a exigência de novas ideias e concepções, Bauman (2001) fala da condição líquida e altamente mutável do universo que envolve todas as relações, de uma vida efêmera e fluida, criando o termo “modernidade líquida” (que o fez a partir dessa condição) ao fazer uma análise detalhada e completa da complexidade da era moderna líquida, desde seu estado presente até as razões ou condições que permitiram o seu estabelecimento e, arrisco dizer, da sua concretização (estado concreto de um estado líquido, mas que, devido à rapidez das mudanças, está sujeito ao desmantelamento, instantâneo ou não). Para isso, faz uma exposição dessas mudanças e concretizações nos campos da individualidade dos homens modernos e pós-modernos, da suas formas e caminhos de emancipação e de conquista da liberdade (verdadeira ou não), do trabalho através da história, baseado também na ideia de progresso, da comunidade, sua idealização e ligação com o nacionalismo e finalmente nas mu-

danças sofridas na relação inseparável entre tempo e espaço, em que se estabelece o sentimento de fluidez das situações, relações e conquistas, causando a instantaneidade da vida.

## Modernidade sólida

Para criar o conceito de modernidade líquida, Bauman (2001) baseou-se na definição do início da era moderna como “modernidade sólida”, caracterizando uma época de revoluções seguidas, a partir do século XV, quando crescentes e profundas mudanças surgiram e construíram uma realidade moderna baseada em padrões sólidos, de longa duração. A era moderna ganhava espaço na medida em que destruía os antigos e, também, sólidos padrões e estilos de vida ainda ligados à Idade Média e construía os novos padrões compatíveis com o ainda crescente capitalismo. As ideias tidas como certas e impostas até então passam a ser questionadas e os pensadores que antes eram condenados por colocarem em xeque a verdade imposta pelos detentores do poder e pela Igreja Católica ganham espaço. Nesse momento, Bauman (2001) vê um processo de derretimento dos antigos sólidos para a construção de novos sólidos, aperfeiçoados, mais condizentes com o que pensavam ser a nova verdade e, conseqüentemente, mais duradouros. O homem não é mais dominado pela natureza, ao contrário, percebe agora poder dominar a natureza e direcioná-la segundo seus interesses. Dessa forma, um grande passo dado pelo homem na modernidade é a conquista de espaço central no governo e destino do mundo, para assim adquirir a ordem e a segurança pessoal.

O ‘Projeto Moderno’, se é que ele existiu, seguiu-se à exigência de ordem: firmeza e clareza das leis que governam a sociedade de alto a baixo e, com isso, garantir a previsibilidade, transparência e certeza tão nítida e dolorosamente ausente da condição humana (BAUMAN apud BITTENCOURT, 2011, p. 8).

O momento e o espaço tornam-se propícios para o surgimento e o intenso emprego da razão instrumental. O homem, que com o Iluminismo torna-se esclarecido e percebe que é dotado de razão, entende que agora domina a natureza e não mais é dominado por ela e passa a usar a razão como instrumento dessa dominação, não só da natureza, mas também do homem sobre o homem. Essa razão ajudará o homem a desenvolver a ciência e da mesma forma dominá-la, acirrando ainda mais a disputa de poder sempre existente entre os homens. Através do domínio da ra-

ção e da ciência, o homem percebe que pode gerar lucros inimagináveis, transformando o sistema capitalista cada vez mais em um sistema cíclico: produtores cada vez mais ricos e detentores da técnica para aperfeiçoar a produção e consumidores cada vez mais seduzidos pelo mercado, consequentemente, mais dependentes do ato de consumir.

A razão era um fim em si mesmo, o motor das escolhas dos homens e da busca sempre incessante por um grau maior dela. O homem, dotado de razão, sem o desvio das paixões, era incapaz de fazer escolhas erradas. As escolhas erradas só ocorreriam quando o homem se encontrasse na falta da sua razão plena por algum raro momento. Assim, a modernidade depositou no homem todas suas esperanças, que antes eram depositadas na religião e na magia.

A revolução industrial e comercial consolida a chegada da modernidade, implantando as grandes e pesadas fábricas de meio de produção capitalista. Bauman (2001) mostra como exemplo clássico da concretude da modernidade sólida a fábrica fordista, sólida, grande, volumosa, imponente, símbolo de poder e riqueza, onde o trabalho é rotinizado e executado mecanicamente, por partes; lugar onde conviviam capital, administração e trabalho, que juntos expressavam a forma máxima da empresa capitalista sólida. O capital e o trabalho nas fábricas estilo fordistas caminhavam tão juntos, que eram interdependentes, e os investimentos nessas duas máximas eram feitos a partir do pensamento de longo prazo, garantia de estabilidade sólida.

A modernidade se movia pela ideia do progresso, o grande impulso que fornecia a sensação de pertencimento ao e do futuro, e o trabalho era a aposta maior, a mão do progresso. Além disso, a descoberta da racionalidade instrumental que fez do homem o ser maior senhor de si e da natureza, que forneceu a autonomia da ação, fez também dele o único capaz de efetuar a revolução necessária para o progresso efetivo.

O espírito moderno estava animado por um esmagador desejo de solidez e nutriu uma esperança de sólidos perfeitos, descartando novas improvisações e oferecendo descanso e tranqüilidade onde a inquietude e o trabalho pesado, maçante eram norma (BAUMAN apud BITTENCOURT, 2011, p. 8).

O fim dos estados absolutistas e a nascente ideia do Estado Nação, o Leviatã, que tinha como objetivo construir uma unidade nacional forte e positiva, forneceram o sentimento de pertencimento aos novos “donos de si mesmos”, aos homens que agora dotados de razão e poder de de-

cisão dos caminhos da vida individual ainda precisavam pertencer a algo maior que desse razão à luta coletiva. O Estado era o grande provedor da segurança e estabilidade da nação, e, por isso, onde os cidadãos depositavam sua confiança. A sociedade moderna era a conquista do espaço da ordem e da segurança. Além disso, a política desses Estados era exercida em vista da educação moral e civil dos novos homens. Dessa forma, o poder público, o Estado burocrático, muitas vezes até opressor, colonizava na forma da ordem exigida o espaço privado, estabelecendo a verdade que cabia ao momento e à situação.

## **Modernidade líquida**

O estabelecimento do progresso e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia na modernidade avançaram nos próximos séculos, especialmente no século XX, de forma um tanto quanto mais acelerada. O próprio tempo parece adquirir um ritmo mais acelerado. As incertezas que começaram surgir aos poucos na modernidade agora tomam lugar central na sociedade, afetando os relacionamentos humanos e os relacionamentos desses com tudo o que rege o universo humano. Muito é questionado se se trata de uma ruptura do processo iniciado na modernidade clássica ou de sua intensificação. Para Bauman (2001), a modernidade líquida é a fase seguinte da modernidade sólida, sua continuação. Mais que isso, a intensificação desta.

Novamente ocorre o derretimento dos sólidos, mas dessa vez, não há intenção de construção de novos sólidos. Em verdade, não há intenção de construção de nada: o processo de derretimento dos sólidos se faz por fazer, automaticamente, antes mesmo que se possa perceber. Todas as certezas, os sólidos construídos na modernidade, e até mesmo antes dela, adquirem forma líquida, caracterizada pela sua fluidez, flexibilidade, poder de adquirir a qualquer momento desejado, formas diferentes. A quebra com a rotina e a tradição é mais que a tentativa de criar novos padrões, é a de evitar que qualquer padrão que se tenha criado congele em tradição.

A razão instrumental que transformou o homem moderno em indivíduo autônomo somou-se à técnica adquirida por meio dessa racionalidade e contribuiu para o surgimento de um novo contexto de relações humanas e estilos de vida, a globalização. Esse novo contexto é marcado pela alta e crescente tecnologia que permitiu um grande avanço na economia e nos meios de comunicação e transporte, apresentando como globalizado um mundo mais homogêneo, onde as distâncias são relativas

e as culturas se encontram e se misturam. Com tamanha tecnologia surge a internet que se tornou um fenômeno que alterou as relações humanas, em especial na relação “eu e o outro”. A experiência da alteridade, essencial nas interações sociais, na construção na identidade e para o enriquecimento existencial da nossa personalidade é vivida de forma diferente e nova, tendendo à diluição da figura do “outro” em conjunto com a supervalorização do “eu”. Nesse sentido do campo da alteridade, da forma líquida, a internet proporcionou um ambiente adequado onde as “redes sociais”, novas e digitais formas de relacionamento, executam um papel de banalização das interações humanas sociais, substituindo-os por meras exibições públicas de “quadros de apresentações” chamados de “perfis pessoais”. Esse tipo de interação digital confunde e passa impressões controvertidas da profundidade das relações.

Percebendo essa situação, encontra-se uma das principais, e talvez a mais marcante, característica da vida e da sociedade no seu estado líquido da modernidade: a fatalidade da individualização e seu acelerado processo no homem moderno. Desde o início da modernidade, pôde-se notar uma crescente valorização do indivíduo, aos poucos emancipado das instituições. O capitalismo liberal que defendia a livre iniciativa dá forças ao individualismo, motor da competição da livre concorrência do liberalismo. A sociedade moderna em seu estado líquido, segundo Bauman, apresenta seus membros como indivíduos, e assim, cada vez mais longe de tornarem-se cidadãos. O capitalismo, agora líquido, perde a noção da busca por valores verdadeiros. Nessa sociedade, os riscos e contradições são socialmente produzidos, mas o dever e a necessidade de enfrentá-los estão sendo individualizados.

Em consequência da enorme individualização da sociedade líquida, o indivíduo procura na sociedade e no mercado, além de em todas suas relações sociais, a felicidade no sentido de satisfação do prazer pessoal, perdendo todo e qualquer sentido de solidariedade e compreensão do outro, modificando e desvirtuando a noção de moral. Desde o descobrimento do uso da racionalidade instrumental, o homem nunca se preocupou em definir valores éticos e morais, fator que na modernidade líquida atingiu proporções catastróficas que vão além das guerras e disputas de poder, envolvendo a degradação ambiental, poluição, produção e reprodução da miséria humana, além de diversos outros problemas contemporâneos. Tudo isso em função da satisfação da subjetividade e vontade individual.

Outra consequência da individualização da sociedade e dos seus membros é a desintegração da cidadania e o esvaziamento do verdadeiro espaço público e sua transformação em ambiente de discussão de vida

privada. A questão pública transforma-se na exibição e troca de informações sobre a questão privada, numa forma de terapia pessoal, em que o indivíduo vai ao público encontrar-se com outros indivíduos que atravessem os mesmos problemas, discutir sobre eles, podendo voltar para casa mais leve. Dessa intensa privatização do mundo tem-se a extrema pobreza e miséria.

Dessa forma, a política pública também se esvaziou de conteúdo verdadeiramente público, da tarefa de cuidar dos interesses públicos e trata de cuidar dos interesses econômicos privados, cedendo às pressões do capital. Uma vez que o capital e a economia saíram do território nacional em consequência da globalização e se transnacionalizaram, não mais cuidando de tratar de um capital nacional, e todas as relações modernas se individualizaram, a política, que tinha o papel de fazer a mediação entre público e privado, entre Estado e nação, passa a ser um apêndice da economia capitalista transnacional, um meio de movimentação do capital, fornecendo as condições e “limando o caminho” para a economia se desenvolver. Assim, os indivíduos perdem poder perante o sistema político, causando a separação desse sistema da existência humana. A modernidade líquida é o momento em que a política não age mais no plano nacional e moral. Até mesmo a forças que determinam a imposição dos valores age agora no nível transnacional.

Com isso, o Leviatã, Estado protetor e fornecedor dos meios para a boa sociedade lava suas mãos para as questões morais e sociais. O poder não está mais interessado em desenvolver a sociedade e o progresso moral, passando a existir como poder autônomo. Essa situação altera um dos postulados fixos da modernidade sólida, de que o indivíduo estava vinculado ao nacional, causando a crescente perenidade do indivíduo.

Mais que isso, a política exercida pelos governos hoje é a política do medo. Uma vez que os Estados não têm mais poder de intervenção na insegurança produzida pelos mercados, e ao contrário, contribuem para sua intensificação, necessitam de um novo foco para depositar suas forças de proteção e fazer o papel de provedor da segurança nacional. Desse modo, o Estado distrai as atenções públicas da insegurança profunda, gerada pela instabilidade do mercado para outras fontes de insegurança que, por existirem em escala menor, são dramatizadas para insuflar medo, voltando as esperanças de segurança pública nacional para o Estado, agora dotado de algum poder de ação. Exemplo disso são a recente política norte-americana adotada em relação à imigração ilegal e o terrorismo global.

Com todo esse espaço livre para se desenvolver, a economia tornou-se ponto central do mundo fluído. Os indivíduos tornaram-se consumidores em alta escala e as relações humanas foram resumidas aos momentos de interação econômica. O estilo da fábrica fordista não atende mais as demandas dessa nova modernidade, que para ser leve, exige empresas pequenas em tamanho e grandes em oferta, tornando o extenso número de trabalhadores dispensáveis. O capital rompe os laços inseparáveis com o trabalho para criar novos laços com o consumidor, deixando o trabalho sozinho nos caminhos da incerteza produzida pela economia. O mercado extenso retira a humanidade da noção do escasso e, conforme o reino da produtividade aumenta, a economia traz felicidade aos homens. Sem a aflição do escasso, as relações sociais também perdem a dimensão do conflito pela sobrevivência. A aflição torna-se outra, a da escolha entre a enorme dimensão de possibilidades de estilos de vida e objetos de consumo. De fato, existem mais possibilidades que indivíduos para usufruí-las.

Da mesma maneira tornou-se a informação. Muito já se criticou a falta de informação e a dificuldade de acesso a ela. Hoje, com os meios de comunicação avançados, diversos tipos de revistas e jornais, a televisão e internet de fácil acesso que disponibilizam uma enorme quantidade de informação de todo tipo, a fase da falta de informação passou. A fase vivida hoje é a da seleção de informação. As possibilidades são tantas que o indivíduo encontra-se na agonia da escolha de que informação é a que gostaria de abraçar, em qual estilo de vida se encaixa. Essa necessidade de escolha de um estilo de vida mostra o desvirtuamento da construção da identidade como um processo inteiramente individual. No mundo líquido, as identidades são expostas e o indivíduo escolhe em qual se encaixa e que exemplos de outros indivíduos quer seguir, em detrimento da construção da sua própria identidade, que agora muito pouco tem de nacional. Aliás, a identidade é mais um objeto disposto nas prateleiras, pronto para ser consumido.

A economia e o capital, mais que qualquer outra categoria da sociedade líquida, se extraterritorializou e transnacionalizou, e as agências internacionais e empresa transnacionais passam a ter o domínio sobre o simbólico, possuem autonomia e influência sobre a cultura, que adquire uma dimensão mundial. Em grande parte, essa cultura é caracterizada pelo excesso, e o mercado faz um papel maior que o de disponibilização dos meios de sobrevivência e convivência, mas também de sedução do consumidor sobre os produtos que não são de urgência para a sobrevivência, papel esse executado pela propaganda. Com os valores de antes perdidos, comprar torna-se um ato moral, um símbolo de interação e preocupação

com o outro. Exemplo desse fenômeno são as datas comemorativas definidas pelo mercado como Natal, Dia dos namorados, das mães, dos pais, e etc. O indivíduo que não participa do jogo econômico, presenteando as pessoas que ama, tende a decepcioná-los, quase no mesmo nível de imoralidade que magoá-los de alguma forma subjetiva. Mais que sedutor, o mercado torna-se chantageador.

## **A sociologia na modernidade líquida**

Diante dessa situação de flexibilização das relações humanas e de liquefação de todas as formas na pós-modernidade, torna-se difícil pensar uma alternativa, ou mais ainda, de pensar um meio de pensar uma alternativa. Na verdade, talvez nem exista tanta dificuldade nessa tarefa; mas sim, falta de vontade por parte dos indivíduos que vivem bem, ou na média, nesse tipo de modernidade, assim como a relutância a buscar a liberdade de fato.

A sociologia surge e começa a se desenvolver no século XX, principalmente na segunda metade, mais em função da necessidade de analisar os elementos reais extraídos das ações pessoais, políticas e econômicas que pela exposição de ideias. Mesmo a exposição das ideias é feita de forma a descobrir o que já existia, e que aguardava o explorador. Bauman (2001) define o ato de fazer sociologia como igual ao ato de fazer poesia ou história, descobrir e não inventar. Dessa forma, a sociologia, em qualquer tempo, executa o papel de tornar transparentes as verdades ocultas de cada contexto. O sociólogo então sempre teve uma relação com a missão hercúlea de explicar a existência humana por meio do estudo e da compreensão das experiências individuais e coletivas – e, sobretudo, das experiências que transcendem essas, de ordem política e econômica.

Um cuidado: tornar transparentes as verdades já existentes não significa de forma alguma debruçar-se sobre teorias já existentes, analisar o óbvio e, conseqüentemente, produzir mais do mesmo.

A tarefa de estudar os cosmos e os macrocosmos e tentar compreender as questões macrosociológicas e seus efeitos nas relações sociais tornou-se mais difícil e exigente na conjuntura da modernidade líquida, em que o macrocosmos atingiu maior complexidade e as angústias e insatisfações da condição humana que mobilizam a atividade sociológica tomaram forma diferente, a forma líquida.

Assim, a sociologia na modernidade líquida deve entender essas grandes mudanças, assim como entender também aquilo que permaneceu,

analisar a relativa “disputa” entre os estilos de vida de cada tempo. A realidade observada hoje mostra uma sociedade e cultura transformadas em objeto, e um mundo que trouxe consigo uma multidão de patologias que nunca se pensou que pudesse existir. Nesse sentido, a sociologia deve se esforçar mais ao tentar identificar e compreender essas novas patologias, esclarecer o complexo, tentando oferecer aos indivíduos o entendimento e a opção de outras escolhas que não as já dispostas pela economia e política vigentes. Mais que isso, num contexto em que essa economia e política desvirtuaram-se da busca e afirmação dos valores morais e impuseram formas de conduta, a sociologia deve contribuir com os indivíduos para que voltem a ter uma autonomia de ideia, cultura e valores. Vale ressaltar que a tarefa do sociólogo não é criar novos valores e ideias, mas explicar o que ocorre quando nos distanciamos dos verdadeiros valores e ideias que nos libertam e nos transformam em indivíduos de fato.

Segundo Bauman (2001), a sociologia deve tomar distância dessas mudanças e de tudo que elas trazem consigo, entender como as relações foram amplamente influenciadas por essas novas forças econômicas e políticas, e questionar a tendência do ser humano de aceitar que hoje tudo é incerto e pouco se sabe sobre o que é e existe, como num processo de conformismo. Porém, compreender a realidade só é possível por meio da tarefa árdua da construção do conceito, e isso, além de exigir o distanciamento, leva tempo, tornando a tarefa mais árdua ainda. Uma vez que o tempo foi um dos elementos que mais sofreu flexibilização com a liquefação da modernidade, torna-se doloroso resgatar sua forma anterior do longo prazo e sair do fetiche do instante. Em vista de todas essas tarefas, a sociologia deve adquirir o elemento principal para fazer possível o questionamento e o enfrentamento da realidade posta: deve adquirir autonomia.

Apesar dos problemas e crises em todas as áreas que o capitalismo trouxe, foi o sistema que deu certo, e esse mundo seduz de tal forma que se torna impossível fazer diferente, impossível para os indivíduos efetuarem novas operações políticas e novas experiências. Para quem tem condição, nunca foi tão prazeroso viver, extinguindo a necessidade de luta. Nessa contradição entre o prazer e o sofrimento de viver no sistema vigente, a sociologia não terá eficácia se insistir nos modelos de sociedade já conhecidos e também não eficazes. Seguindo o fluxo da contínua atualização dos conceitos, a sociologia deve debruçar-se em produzir algo novo, em criar novas experiências. Ela não pode prever o futuro, não pode falar do que será, mas pode executar novas idéias e especular sobre elas através da heurística, pela tentativa e erro, “entrando na dança” da fluidez dos acontecimentos, até a tentativa se tornar acerto.

É a sociologia intensamente crescente nos últimos tempos que abre os olhos dos homens e mostra que existem alternativas, e que a fatalidade não precisa ser destino. Ela forma indivíduos aptos a fazerem escolhas racionais, fora do seu sentido técnico, e de questionarem tudo aquilo que é pré-determinado, ou seja, “a primeira ocupação da sociologia feita sob medida para a modernidade líquida deve ser a promoção da autonomia e da liberdade” (BAUMAN, 2001, p. 243).

## **Considerações finais**

O cenário da atual sociedade nos mostra a crise da modernidade em sua forma mais avançada. Um momento complexo repleto de problemas éticos, culturais, sociais, existenciais e até ambientais. As mudanças mostraram como a modernidade se adaptou à nova realidade e o que surgiu dessa adaptação.

A humanidade cresceu imensamente no seu sentido técnico e científico, e deixou para trás as questões morais que a qualificava como humana. Ao dar valor exacerbado às questões materiais, o homem flexível da modernidade deixou para trás a verdadeira razão que esclarece e abre caminho para as “luzes”. Dessa forma, ficou preso aos limites do espaço e do tempo, transgrediu o valor da sua subjetividade e permitiu assim uma sequência de acontecimentos que fugiram ao controle da garantia das condições mínimas de existência saudável. Encontrou-se de repente na condição sub-humana de algumas partes do mundo e outras exageradamente cheias de conforto, notando uma desigualdade nunca vista.

Muitos são os homens e as teorias que especulam sobre alternativas e soluções dos problemas da modernidade líquida, mas a verdade é que, como toda incerteza desse mundo, nada produzido é fato e traz soluções imediatas. Nesse sentido, a sociologia surge também como mais ideias, mas pretende não pular nenhum degrau da evolução, e parte do esclarecimento e do fornecimento dos meios para a busca individual da liberdade, para então a busca coletiva.

A sociologia não é a cura dos problemas e incertezas da sociedade contemporânea, muito menos um meio de reverter a fluidez da modernidade e reprodução de novos sólidos. A sociologia é o esclarecimento, a chamada para o questionamento, tornando-se um dos principais passos para a cura, e não há nenhum meio de fazê-lo sem comprometer-se. A neutralidade das ideias na sociologia não conduz a caminho nenhum, muito menos ao caminho da libertação.

Ademais, a sociologia deve libertar o homem da ação automática e mostrar o caminho da liberdade por meio do raciocínio, da tomada de tempo e distância para transformação da vida. A sociedade perfeita seria aquela em que os indivíduos “fizessem sociologia” automaticamente, em que todo ser dotado de razão e tempo, usasse o raciocínio lógico na conduta de cada ação, mas, paradoxalmente, uma sociedade perfeita nesse nível, não necessitaria da mão libertadora da sociologia, pois já seria livre por excelência.

## Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A aflição de uma vida líquida. In: *Revista Filosofia Ciência & Vida*. São Paulo: Editora Escala, 2011, n. 28, abr. p. 6-13.

ROSS, Rodrigo Rosa. *Modernidade Líquida*. São José do Rio Preto: Centro de Estudos Superiores Sagrado Coração de Jesus, 2010.